

As letras por entre as grades: considerações sobre a formação do leitor a partir de *Memórias de um sobrevivente*

Karina Lima Sales¹

Resumo

Este texto analisa um aspecto da obra *Memórias de um sobrevivente*, do ex-presidiário Luiz Alberto Mendes, publicada em 2001, quando o autor ainda estava encarcerado. Durante o relato de Mendes, percebe-se que há uma descrição do seu processo de formação como leitor, aspecto que aqui se pretende analisar, pautado em estudos do campo da Sociologia da Leitura. O livro constitui-se em um relato de aprendizado de leitura, tornando-se perceptível a constituição do leitor, analisada sob a ótica de um processo de autodidaxia, embasado em estudos de Jean-Claude Pompuhgnac e concebendo a leitura como prática cultural, segundo Bourdieu e Chartier. Pretende-se ainda delinear as representações de leitura construídas pelo narrador, em seu relato, como prática compartilhada e possuidora de uma função redentora. As questões sobre leitura pautam-se em estudos de Eliana Yunes, ao preconizar a leitura como uma condição de sobrevivência.

Palavras-chave

Leitura; formação do leitor; relato de aprendizado; Luiz Alberto Mendes; *Memórias de um sobrevivente*.

Introdução

Discutir a experiência de leitura pressupõe adentrar em uma seara extremamente instigante, que tem sido objeto de apurados estudos, sob diferentes perspectivas, ao longo dos tempos. Para este estudo,

Resumen

Este texto analiza un aspecto del libro *Memórias de um sobrevivente*, del anterior-presos Luiz Alberto Mendes, publicado en 2001, cuando todavía el autor estaba encarcerado. Durante el relato de Mendes, uno percibe que tiene una descripción de su proceso de formación de lector, aspecto que se piensa aquí para analizar, pautado en los estudios del campo de la Sociología de la Lectura. El libro consiste en una historia del aprendizaje de la lectura, llegando a ser perceptible la constitución del lector, analizada bajo óptica de un proceso del autodidaxia, basado en estudios de Jean-Claude Pompuhgnac y concibiéndose la lectura como práctica cultural, según Bourdieu y Chartier. Todavía se piensa delinear las representaciones de la lectura construidas por el narrador en su historia como práctica compartida y una función redentora. Los aspectos sobre la lectura serán todavía pautados en estudios de Eliana Yunes, al preconizar la lectura como condición de la supervivencia.

Palabras-llave

Lectura; formación del lector; relato de aprendizaje; Luiz Alberto Mendes; *Memórias de um sobrevivente*.

adota-se a perspectiva de discussão da leitura a partir do polo do leitor. Segundo Silva (2005), ao experienciar a leitura, o leitor executa o ato de compreender o mundo, pois não apenas decodifica sinais e signos deste, mas assume uma postura diante do texto, transformando-o e transformando-se.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, turma de 2008. Orientadora: Profa. Dra. Márcia Rios da Silva. Professora substituta do campus X da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: kalisalima@hotmail.com

Para Chartier e Bourdieu (2001), a leitura deve ser entendida como uma prática cultural, portanto plural, embora nem sempre essa pluralidade da leitura seja considerada pela sociedade. Ainda segundo Chartier (1992, p. 214), “ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros”, afirmação extremamente pertinente para o estudo que aqui se propõe. Há que considerar ainda a perspectiva filosófica, como a da obra de Paul Ricoeur, citado por Chartier (1992, p. 215), em que se analisa de que modo as configurações narrativas que formam as histórias, sejam elas ficcionais ou não, remodelam a consciência privada dos indivíduos e sua experiência temporal. Chartier registra que, nesse sentido, o ato de ler estaria situado no ponto de aplicação em que o universo do texto se encontra com o do leitor, e a interpretação da obra termina na interpretação do eu. Citando Ricoeur, Chartier (1992, p. 215) registra que “ler é entendido como uma ‘apropriação’ do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo, quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto”.

Partindo dessas considerações, pretende-se enfocar a importância da leitura na obra *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, entendendo-a como um relato de aprendizado e objetivando analisar o processo de constituição do leitor-narrador, a partir de seu contato com os livros quando estava preso. Fundamentarão as afirmações sobre a leitura principalmente estudos do campo da Sociologia da Leitura, que será brevemente situada.

Considerações sobre a Sociologia da Leitura

Segundo Poulain (2004), os estudos da Sociologia da Leitura nasceram no início do século XX, entre as duas grandes guerras, e as primeiras pesquisas refletiram a crise econômica, social e política das décadas de 1920 e 1930. As primeiras reflexões emergiram da Europa Oriental, via bibliopsicologia de Nicolas Roubakine; da Alemanha, representada pelos trabalhos do bibliotecário Walter Hofmann; e, principalmente, dos Estados Unidos, através da Escola de Chicago,

em que se destacaram Douglas Waples e Bernard Berelson. De acordo com Poulain, Waples e Berelson forneceram alguns conceitos que ainda hoje são a base da Sociologia da Leitura. Estes pesquisadores objetivavam compreender de que maneira a leitura afeta os leitores e os modifica. As predisposições dos leitores – que provêm de seu perfil sociocultural, de motivações da leitura, de suas opiniões, de suas expectativas ou do lugar que ocupam na estrutura social – coincidem com as disposições dos textos, que também são variáveis: razões, condições e modos de publicação do texto escrito, distribuição, difusão, tendência de opinião sobre certos temas, são alguns dos indícios que podem ser analisados. Esses aspectos apontados pelos pesquisadores são hoje objeto de discussões constantes no bojo da Sociologia da Leitura, atrelados a vários outros.

Em 1958, Robert Escarpit, de acordo com Poulain (2004), publicou *Sociologia da literatura* e, ao longo dos anos seguintes, exerceu enorme influência sobre as pesquisas acerca da sociologia do livro e da leitura, conseguindo a adesão de muitos pesquisadores à sua corrente, a Escola de Bourdeaux, cuja abordagem se centra em três elementos, o livro, a leitura e a literatura, de limites imprecisos. Escarpit defendia frequentemente o papel fundamental do leitor para a existência do texto, chamava a atenção para a diversidade das leituras e para as formas de imposição que exercem as escolhas do público culto sobre o popular. De acordo com Cordeiro (2005), a obra de Escarpit marcou profundamente o desenvolvimento da sociologia da leitura na França, discutindo questões vinculadas à leitura:

Ele é quem primeiro toma como objeto de estudo das práticas da leitura os elementos relativos à produção e ao consumo da literatura, notadamente o sucesso das obras, sua sobrevivência, seu público e a forma como elas são lidas. Escarpit desloca o eixo de interesse para o abismo entre a literatura e o grande público. Isso põe em evidência o estudo dos comportamentos de leitura concernentes à sociabilidade e às condições sociais do cotidiano, aprofundando a relação entre a obra lida e a história pessoal do leitor (CORDEIRO, 2005, p. 5-6).

Hoje, a França é o país que mais tem pesquisas e produções no campo da Sociologia da Leitura, com destacados autores, como

Leenhardt, Bahloul, Emmanuel Fraisse, Jean-Claude Pompougnac, Martine Poulain, entre tantos outros. No Brasil, o percurso da Sociologia da Leitura não apresentou o mesmo ritmo da França, mas os estudos têm ganhado cada vez mais destaque. Segundo Cordeiro (2005), somente a partir de meados do século XX começou a se delinear no país um interesse mais organizado, por parte de intelectuais e/ou instituições, pela leitura e pelo livro, em virtude da crise no ensino e dos índices alarmantes de analfabetismo. Atualmente, pesquisas de Márcia Abreu, Regina Zilberman, Verbena Cordeiro, entre outros, concebem a leitura como prática social e a investigam, analisando, por exemplo, a história do livro, suas condições de produção e circulação, as práticas de leitura e suas variações socioculturais, bem como suas representações.

A Sociologia da Leitura, em suas análises, também considera os fatores sociais que interferem no processo de formação do leitor e que funcionam como mediadores de leitura, além das características desse público leitor conforme sua condição social, cultural, etária, sexual, profissional, entre outros. Nesse sentido, a análise aqui proposta, recorte de uma pesquisa em andamento, dialoga explicitamente com os preceitos desse campo de conhecimento, propondo-se discutir o processo de formação de um leitor, através de uma produção – um relato de aprendizado – por ele escrita.

Memórias de um sobrevivente: o processo de formação de um leitor

Para Luiz Costa Lima (2007, p. 456), as memórias, tomadas como sinônimo de autobiografia, “constituem uma forma específica de comunicação, com regras e exigências capazes de distingui-las de outros gêneros”; diz o autor, ainda, que a autobiografia é o “documento de uma vida, narrado pelo mais competente de seus narradores.” (LIMA, 2007, p. 490). Para Philippe Lejeune (1986, apud MIRANDA, 1992, p. 30), autobiografia é como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua vida individual, sobretudo a história de sua personalidade”. Partindo dessas definições, a obra *Memórias*

de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes, pode ser inserida nessa classificação de gênero autobiográfico.

O livro foi publicado em 2001, quando seu autor estava com 49 anos, e refere-se a episódios de sua vida em períodos bem demarcados, circunscritos às décadas de 1960 a 1980, desde a sua infância até por volta dos seus trinta anos.

Embora escrita por um presidiário, a contundente narrativa de Mendes, segundo Eneida Leal Cunha (2002), não se detém tanto na exposição do crime e da ilegalidade e, sim, na descrição do processo de brutalização, da aprendizagem resultante das experiências do encarceramento; na apresentação das humilhações, arbitrariedades e violências sofridas dentro das prisões e das instituições destinadas ao confinamento dos menores infratores. E a sobrevivência, anunciada já no título, acontece, não pela via da libertação, uma vez que, quando o livro foi publicado, o autor encontrava-se preso. Mendes é um sobrevivente, e para ele essa salvação só foi possível graças à literatura.

Seu primeiro contato com a leitura, na prisão, deu-se quando o narrador se encontrava em regime de castigo fechado, a denominada “cela forte”, na Penitenciária do Estado de São Paulo. Em sua narrativa, Mendes registra que, para não enlouquecer, contava com o sistema de comunicação dos presos, via vaso sanitário, por meio do qual, além das conversas, tão importantes, chegavam-lhe objetos: garrafinha com café quente, cigarros, livros de bolso. Foram nove meses de cela forte, e, em um dado momento, o narrador, ao ser transferido de cela, conheceu Henrique, com quem passou a se comunicar, que se tornou uma espécie de mentor do narrador. O novo amigo falava-lhe de livros, comentava romances já lidos, falava em poesia, filosofia e ia pouco a pouco aguçando em Mendes, segundo o seu relato, uma enorme vontade de também adentrar nesse mundo. Henrique ensinou-lhe a valorizar os livros. Passaram quase três meses em comunicação constante, via encanamento do vaso sanitário.

O narrador-protagonista registra que essa experiência, para ele, foi um divisor de águas. Ao sair da cela forte, só pensava em ler. O amigo logo lhe enviou dois pacotes com os livros sobre os quais conversavam e mais uma lista com títulos para serem solicitados ao bibliotecário. Para pegar muitos livros, pedia ajuda aos companheiros, que não liam, para que também pedissem outros livros que pre-

tendia ler. E, assim, ia se intensificando sua relação com a leitura. É preciso considerar que essa relação nos é apresentada pelo próprio leitor, através de seu texto autobiográfico, e que uma confissão autobiográfica não pode ser confundida com uma inequívoca declaração de verdade. Como defende Lima, a “confissão não passa de uma versão pessoalizada, sujeita a erros, enganos, esquecimentos, distorções e seleções conscientes ou inconscientes.” (LIMA, 2007, p. 463). Entretanto, embora sujeita a essa importante particularidade, não se pode negar que a autobiografia de Mendes se constitui em um relato de aprendizado exemplificativo de um processo de autodidaxia.

Pompougnac (1997), em texto que analisa relatos de aprendizado de autores diversos, salienta que, quando esses relatos são produzidos por indivíduos autodidatas, que não nasceram em ambientes com um horizonte cultural privilegiado, há certa peculiaridade que muito nos interessa. O autor destaca que “se ler verdadeiramente é poder ler algo que ainda não conhecemos, aqueles que não nasceram no mundo dos livros terão necessidade de nada menos que uma reestruturação de seu horizonte cultural de referência para aí chegar.” (p. 15).

Sendo assim, o autodidata precisa sair de seu campo social e de seu horizonte cultural de origem para um outro. O narrador da obra *Memórias de um sobrevivente* é um autodidata. O seu meio social de origem é marcado por um baixíssimo nível de instrução, com pai e mãe analfabetos e ele próprio tendo cursado apenas as séries iniciais do ensino básico; nesse ambiente, a leitura não era valorizada como prática cultural; em seu sistema de referências, o livro era um objeto distante. O autodidata, segundo Pompougnac (1997, p. 16), passará por um processo de ruptura, que conduzirá a uma fase de desaculturação. Durante esse desnorteamento, seja ele real ou metafórico, serão desconstruídos seu sistema de representações e seu universo cultural. Depois, uma fase de aculturação será desenvolvida, em que novos saberes serão adquiridos e novas referências construídas. Ainda de acordo com Pompougnac, quando o aprendizado da leitura se torna o momento marcante da ruptura, desencadeia-se uma prática intensiva e “o autodidata lê muito, lê tudo o que lhe cai nas mãos, tudo o que chega a ele facilmente.” (p. 16).

As questões apontadas por Pompougnac reforçam a nossa posição de apontar Mendes como um exemplo de autodidaxia. O narrador-

-leitor, em suas memórias, delineia como se foi constituindo a sua intensa relação com a leitura, acumulando um capital cultural que o desnorteou e, ao mesmo tempo, orientou-o para uma busca por outras leituras. Mas essa busca não se constituiu em tarefa das mais fáceis. À medida que Mendes tornava mais estreita a sua relação com a leitura, sentia-se mais e mais desafiado com os livros que considerava “complexos”, e tentava entendê-los na interação com outros colegas que também os tivessem lido, considerando-se inferior em relação a seus interlocutores, os companheiros de pavilhão, Henrique e Franco. Nesse período, mantinha correspondência com uma professora, Eneida, que discutia com ele as leituras empreendidas e, segundo o narrador, passou com ela uma fase extremamente difícil, pois Eneida contestava suas afirmações, provocava-o para releituras e demolia ou depreciava, segundo Mendes, todos os valores que demorara a vida toda para construir. E é essa confusão intelectual que guia o narrador para outras leituras, a das obras dos filósofos, embora considerasse filosofia algo extremamente difícil, pois considerava-se sem bases culturais:

Era uma luta fantástica contra meus limites quando pegava um texto filosófico para estudar. Apanhei e sofri muito para assimilar o que seria e para que servia, em termos de aplicação, a teoria do conhecimento e a teoria do ser.

[...]

O pior de tudo era que, logo depois de ficar convencido das ideias e vida de um filósofo (eu era altamente influenciável), estudava outro com ideias diametralmente opostas. Entrava em conflito, não sabia qual a posição mais coerente e não possuía a balança do bom senso para poder dimensionar com correção. Rapidamente tive dificuldades para estabelecer uma ideia própria. Acumulava conhecimentos e não extraía deles uma visão pessoal do mundo (MENDES, 2005, p. 466-467).

Essa vivência de leitura de Mendes exemplifica uma última etapa que, de acordo com Pompougnac (1997), é necessária para marcar a irreversibilidade da trajetória cultural: a etapa da legitimização, da certificação das leituras empreendidas, que permite a continuação do processo. Mendes sente-se inseguro em suas novas leituras, por cons-

tituírem-se diferentes das realizadas até então, e busca apoio em outros leitores, para certificar-se de que suas interpretações estejam em conformidade com as interpretações admitidas, tentando receber de um dos representantes do mundo dos leitores legítimos a “chave” para também ser considerado parte desse mundo. Mendes analisa o quanto lhe foram importantes os interlocutores de leituras, tanto os amigos das conversas na prisão quanto aqueles com os quais passa a se corresponder. A leitura torna-se o seu projeto de vida: “Eu *queria ser respeitado e conhecido como uma pessoa culta e sábia. O que eu queria mesmo era impressionar os outros. E aprender cultura era o único meio viável de atingir meus anseios. Nada me parecia mais lógico.*” (MENDES, 2005, p. 468, grifo nosso). Esse trecho é significativo para que se perceba a posição do autor de desconsiderar o horizonte cultural no qual estava inscrito, antes do contato com as diversas leituras que realizou. Para tornar-se “alguém”, Mendes sente que precisa alcançar o horizonte da “alta cultura”, que supervaloriza o saber canônico em detrimento dos diversos saberes construídos pelas populações marginalizadas; por isso o investimento maciço, em suas leituras na prisão, em obras canônicas, exemplificativas do critério único de qualidade estética dessa cultura. Para Pompougnac (1997, p. 14), as autobiografias procedem a uma reconstrução e, por via da escrita, a leitura aparece como representação. Dos aspectos acima apontados, depreende-se uma representação, pelo autor, da leitura como deflagração de prestígio social, o que não se abordará neste texto.

O relato em *Memórias de um sobrevivente* termina abruptamente nessa descrição do contato com o universo da leitura. No epílogo, produzido em 2000, algumas pistas nos são fornecidas nas entrelinhas: o autor está em outra prisão, a Casa de Detenção de São Paulo, fugiu duas vezes da anterior. Já descrevera anteriormente como concluíra o ensino fundamental, na escola da prisão, mas registra também que terminou o ensino médio, embora não dê detalhes de como isso ocorreu. Fez o primeiro ano de Direito na PUC de São Paulo, cumpriu dois anos de prisão em regime semiaberto, casou-se, teve

dois filhos. Passaram-se vinte anos do final do relato, e o autor insinua que as tantas coisas passadas dariam outro livro de memórias, afirmando que talvez seja feito algum dia.²

Durante o relato de Mendes, percebe-se uma descrição do seu processo de formação como leitor; a sua narrativa constitui-se em um relato de aprendizado, que destaca enfaticamente a sua experiência com a leitura de livros no presídio. Ao mesmo tempo que fica latente que, devido às condições do próprio encarceramento, a leitura é realizada na maior parte das vezes como atividade individual, percebe-se que os leitores constroem uma rede de partilha de leituras, fora dos espaços das celas, discutindo os livros lidos, estabelecendo outras redes de sociabilidade fora da prisão, o que pode ser exemplificado pela correspondência com Eneida e pela inserção de outras pessoas no sistema prisional para discutir leitura. Essa situação permite que seja apontada uma representação da leitura como prática compartilhada. Há que considerar, ainda, o fato de que o narrador registra, no epílogo, que na prisão ele sentiu necessidade de partilhar aquilo que aprendera em suas leituras, por isso trabalhou como professor na escola da prisão, sendo conhecido como “Professor”, uma espécie de guru, símbolo de sabedoria para os outros presos. Há ainda outra representação bastante significativa: o autor registra que o contato com os livros mostrou-lhe que apenas eles lhe bastavam e o salvariam dali por diante. A leitura aparece representada como possuidora de uma função “redentora”, uma vez que permitiu que o protagonista se modificasse e sobrevivesse, sem sucumbir ao ambiente sufocante da prisão. Há que considerar que suas leituras foram pautadas pelo seu “horizonte de expectativas”, como preconiza a estética da recepção, segundo Hans Robert Jauss (2002). Em sua interação com os textos preenchia-lhes, ainda, os vazios, segundo Wolfgang Iser (2002), considerando as possibilidades diversas fornecidas pelo próprio texto, em um indagar-se contínuo, constituindo-se em um leitor cada vez mais voraz.

² Em 2005, Luiz Alberto Mendes publicou *As cegas*, uma espécie de continuação de *Memórias de um sobrevivente*, em que conta a experiência que o levou à escrita e ao trabalho voluntário e também mostra como encontrou, nas amizades e nas relações amorosas, um antídoto contra o desespero. A narrativa acompanha um período que vai de sua aprovação no vestibular de Direito, em 1982, às suas primeiras tentativas literárias, já nos anos 1990.

Considerações finais

De acordo com Yunes (2003, p. 10, grifo da autora):

[...] quem lê o faz com toda a sua carga pessoal de vida e experiência, consciente ou não dela, e atribui ao lido as marcas pessoais de memória, intelectual e emocional. Para ler, portanto, é necessário que estejamos minimamente dispostos a desvelar *o sujeito que somos – ou seja, lugar do qual nos pronunciamos – ou que desejamos construir* pela tomada de consciência da linguagem e de nossa história, nos traços deixados pelas memórias particulares, coletivas e institucionais.

Mendes atribui às suas leituras essa carga de vida e experiência referida por Yunes, e suas leituras aparecem mescladas de suas marcas pessoais de memória, tanto a intelectual quanto a emocional. Uma vez que sua escrita é autobiográfica, o autor afirma que rever seus escritos, quando da preparação da obra para publicação, foi como reviver toda a dor sofrida em tantos momentos. Concebendo ler como uma apropriação do texto, na perspectiva de Paul Ricoeur, pode-se afirmar que as leituras empreendidas por Mendes permitiram-lhe experienciar vivências e que, através da compreensão dos textos, o narrador pôde conhecer-se mais e mais: “ainda sou aquele, mas sou também outros” (MENDES, 2005, p. 471). Ao contar as suas “memórias”, Mendes contou também a história de suas leituras, as aprendizagens resultantes de suas experiências na prisão, permitindo-nos refletir sobre a autodidaxia de um aprendiz que conduz o seu processo. A obra é significativa sob muitos aspectos, mas destacaremos aqui, além das questões já apontadas, o fato de que é um relato oriundo de um representante de uma população marginalizada, a carcerária, que aponta para questões que transcendem os muros da prisão e nos fazem refletir que a sociedade necessita ampliar os “seus” horizontes, concebendo a leitura – como preconiza Yunes (2003, p. 42) – como uma condição de sobrevivência. Todo o tempo estamos lendo; por isso, para aqueles que não leem, não é fácil sobreviver. Luiz Alberto Mendes sobreviveu, não apenas por não haver sucumbido às condições adversas de sua experiência na prisão, mas, principalmente, por ter transformado a leitura em instrumento de modificação de sua existência.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Percorrendo histórias, entrecruzando saberes. In: SEMINÁRIO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA (SETHIL), out. 2005, Vitória da Conquista. *Anais...*, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2005.
- CUNHA, Eneida Leal. Narrar ou morrer: sobrevivências do sistema penitenciário brasileiro. *Semear*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 209-222, 2002.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do controle: o controle do imaginário, sociedade e discurso ficcional, o fingidor e o censor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, Emmanuel et al. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática, 1997.

POULAIN, Martine. Entre preocupaciones sociales e investigación científica: el desarrollo de sociologías de la lectura en Francia en el siglo XX. In: LAHIRE, Bernard (Org.). *Sociología de la lectura*. Barcelona: Gedisa, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Org.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.

Recebido em janeiro de 2009 e aceito em agosto de 2009.